

Segredos da Auto-Ajuda

Resenha de

RÜDIGER, Francisco. *Literatura de auto-ajuda e individualismo* Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 1996.

Mônica Bernardo Schettini Marques

Mestre e doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP.

O livro de auto-ajuda *O Segredo*, de Rhonda Byrne, um dos maiores fenômenos editoriais dos últimos anos, lançado no Brasil em 2007, vem propagandeando a tese de que somos aquilo em que pensamos. Pensamentos bons atraem coisas boas, sentimentos ruins, coisas más, e assim por diante.

Em matéria para o “The New York Times”, a jornalista Barbara Ehrenreich (2008) associou o endosso dos norte-americanos ao lema do pensamento positivo à crise financeira internacional. Quem pensa que tudo vai dar certo e joga sempre para ganhar não se prepara para os infortúnios.

Em “Literatura de Auto-Ajuda e Capitalismo”, obra de 1995, o sociólogo, filósofo e estudioso das comunicações, Francisco Rüdinger, ajuda-nos a entender o recente fenômeno editorial, apesar de não se deter sobre a literatura de auto-ajuda dos últimos anos, tendo em vista que o lançamento de seu livro ocorreu há mais de uma década.

A leitura da obra de Rüdinger que conjuga perspectivas oriundas da sociologia, como também da filosofia e da história, nos faz perceber que, apesar do título, Byrne não traz à luz segredo algum. A escritora australiana arquiteta, sim, mais um tratado de auto-ajuda cujas raízes remontam à doutrina do pensamento positivo, formulada nas primeiras décadas do nosso século pelos pregadores do Novo Pensamento.

Rüdinger empreende uma análise detida do Novo Pensamento, como de outras tendências e idéias presentes no gênero em questão, realizando, ainda, uma profunda avaliação sobre o sentido e o valor da auto-ajuda na formação social-histórica representada pelo individualismo contemporâneo.

Para o autor, os tratados e manuais que, através de uma linguagem prescritiva, ensinam como vencer na vida e procuram dar lições sobre crescimento pessoal constituem-se como dispositivos através dos quais as “massas urbanas articulam sua conversão ao individualismo” (Rüdinger, 1995, p.238).

Embora perceba que refletir sobre o indivíduo e o individualismo é refletir sobre diferentes idéias, doutrinas e práticas, consegue identificar um movimento geral na cultura moderna através do qual a “procura por salvação dentro de um coletivo cedeu lugar à procura solitária pela satisfação do interesse próprio” (Rüdinger, 1995, p.238).

Há, sem dúvida, nos tempos modernos, uma a progressiva liberação da subjetividade e um acentuado movimento de separação entre os propósitos individuais e coletivos. Há, certamente, imagens como aquela do sujeito voltado aos seus próprios interesses e desvinculado dos demais, talvez sentado no banco de um trem, ao ler um livro, sem jamais cruzar os olhos com os demais, como em *Car Chair*, pintura reproduzida na capa do livro, de autoria de Edward Hooper (1881-1967), artista norte-americano exímio em captar os aspectos que são próprios da vida moderna, especialmente a solidão.

Origens e desdobramentos

Na genealogia do gênero, Rüdinger detém-se primeiramente na obra do médico e publicista britânico Samuel Smiles, que em *Self-help*, de 1859, empregava a expressão auto-ajuda, já no título de sua publicação, que se constituiria em um grande sucesso editorial do período, com a vendagem de cerca de 20 mil exemplares.

Para o autor, é um equívoco igualar a obra de Smiles aos manuais de auto-ajuda posteriores, de acordo com os quais o sucesso na vida repousaria na satisfação dos desejos individuais. Enfatiza que Smiles procurava sempre conciliar o progresso pessoal,

baseado no emprego da vontade, com a moralidade tradicional. Na perspectiva do vitoriano, o homem até que poderia desfrutar da fortuna e do prazer, mas jamais ter nesses bens as finalidades de suas ações, que deveriam estar pautadas no **cumprimento** do dever, que não é apenas o dever do indivíduo para consigo mesmo, mas também para com a sociedade.

Ao contrapor a obra smiliana à literatura posterior, Rüdinger recorre a Nietzsche que escreveria “(...) uma vez produzida uma coisa, vê-se submetida a potências que usam dela para fins distintos”. Como alertaria o personagem Tamuz, no Fedro, tantos séculos antes, “uma coisa é inventar uma arte, outra julgar os benefícios ou prejuízos que dela advirão para os outros!” (Platão, 2000, p.121). A sintonia entre a idéia nietzcheana e a formulação platônica parece clara. Os dois filósofos nos advertem para as infinitas possibilidades de apropriações as quais estão sujeitas todas as coisas e conceitos.

Na análise que empreende, Rüdinger detém-se, de forma pormenorizada, às diversas alterações sofridas pelo conceito de auto-ajuda. Empregado inicialmente com o sentido moral de formar o caráter, *self-help* significaria para os adeptos do já mencionado Novo Pensamento, no início do século XX, fazer uso do poder da mente, especialmente do pensamento positivo, para alcançar sucesso e riqueza.

O Novo Pensamento, como pontua o autor (Rüdinger, 1995, p.73), não se proclamava novo, mas portador de uma verdade milenar transmitida secretamente através dos séculos. A propaganda de Byrne, o segredo que anuncia trazer de tempos remotos a seus leitores, já nos era entregue nas primeiras décadas do século que passou.

Na década de 50, também destaca (Rüdinger, 1995, p.110), o pastor Norman Vicent Peale daria continuidade à doutrina do pensamento positivo e com a publicação de *O poder do pensamento positivo* (1952), tornava-se um dos autores de maior sucesso do gênero.

Já na literatura de auto-ajuda surgida no pós II Guerra Mundial, o autor diagnostica a ênfase à chamada carismática individual ou ética da personalidade. Propagava-se a idéia de que a conquista do sucesso não dependeria apenas do pensamento positivo, mas, principalmente, da construção de uma personalidade agradável, capaz de seduzir o outro e assim de exercer poder sobre ele.

A análise das várias vertentes e dos desdobramentos do gênero é articulada, ao longo do texto, aos diferentes momentos do capitalismo, numa conjugação rica entre análise de conteúdo e exame dos processos históricos.

Rüdinger observa (1995, p.133), por exemplo, que com a crescente burocratização na esfera dos negócios e das profissões, o trabalho perdeu seu conteúdo valorativo, exigindo menos habilidade técnica do profissional e cada vez mais a manipulação de sua conduta. A literatura de auto-ajuda, calcada na construção de uma personalidade agradável, constituiu-se, nesse contexto, uma espécie de resposta às estruturas empresariais contemporâneas.

Esse tipo de articulação não adquire caráter mecanicista. A mediação que o sujeito realiza nessas conjunturas é sempre enfatizada. Para o autor, as técnicas difundidas por essa literatura de largas tiragens e baixa reputação permitiriam aos sujeitos lidarem com as questões colocadas pela modernidade, enfrentarem seus problemas de identidade e relacionamento. Não trata o gênero em questão como uma simples imposição da cultura de massas, mas como um produto que bem ou mal responde a situações concretas vividas pelo seu público. Tal abordagem não significa, de modo algum, o endosso das práticas de auto-ajuda, mas um entendimento da “tensão entre as demandas que a sociabilidade capitalista coloca ao indivíduo e a capacidade do indivíduo respondê-las enquanto indivíduo” (Rüdinger, 1995, p.140).

Curiosamente, 1859, a data em que a expressão auto-ajuda passou a ser empregada de modo corrente, é a mesma em que Darwin lançou *As Origens das Espécies*. A obra darwiniana reduziu a sua mínima expressão as pretensões do homem a um posto privilegiado na ordem da criação, enfatizando a indestrutibilidade de sua natureza animal, como diagnosticou Freud (1995), nas suas *Lições Introdutórias à Psicanálise*. Ao ser inserido dentro do esquema da evolução biológica, o homem perdia o status especial que ambicionava ter. É possível que a literatura de auto-ajuda, em certa medida, se configure como uma “consolação” para esse estado das coisas, como parece ser válido também conjecturar que a lição darwiniana não tenha sido plenamente assimilada e que o gênero em questão e o individualismo a ele associado sejam mais um

demonstrativo de que o homem continue a se perceber numa posição soberana, ou, pelo menos, a se pretender nessa posição.

Referências Bibliográficas

BYRNE, Rhonda. O Segredo. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

PLATÃO. Fedro. Lisboa: Guimarães Editores, 2000.

RÜDIGER, Francisco. Literatura de auto-ajuda e individualismo. 01. ed. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 1996.

CD-ROMs

FREUD, Sigmund. Freud Total 1.0. Rosário: Edicione Nueva Hélade, 1995.

Arquivo consultado na internet:

EHRENREICH, Barbara. “The Power of Negative Thinking”. The New York Times. <http://www.nytimes.com/2008/09/24/opinion/24ehrenreich.html>, publicado em 23/09/2008.